

THINKSTOCK

SustainAGRO posiciona o setor como motor da economia verde

Iniciativa reforça o uso da tecnologia no campo para promover práticas sustentáveis, que beneficiam o produtor e o meio ambiente

Produzir mais fazendo melhor uso dos recursos renováveis é, sem dúvida, um dos principais desafios atuais da nossa sociedade, em todas as áreas. Nesse contexto, a Rio+20, Conferência da Organização das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, realizada em junho, no Rio de Janeiro, se apresentou como uma oportunidade clara para que o Brasil, em especial – como anfitrião do evento e protagonista no agronegócio –, pudesse apresentar alguns de seus programas bem-sucedidos no campo, tanto do ponto de vista socioeconômico quanto ambiental.

Com esse propósito, organizações de diversos países que atuam na promoção e no desenvolvimento da agropecuária se uniram para compor o SustainAGRO, uma iniciativa inédita, concebida para reforçar a posição do setor nos debates sobre economia verde e redução da pobreza, temas principais da Rio+20.

Além da realização de eventos com especialistas e representantes do setor na conferência, o SustainAGRO concentrou seu conteúdo em um *site*, com versões em português, inglês e espanhol, que apresenta os principais *cases* de agricultura e pecuária sustentáveis já em prática no Brasil e em outros países. O *site* também traz o posicionamento das entidades parceiras, artigos, entrevistas e dados atualizados sobre o setor, que representa um quarto do PIB nacional e é responsável pelo saldo positivo na balança comercial brasileira.

Os números não param de crescer. As exportações registraram novo recorde em 2011, com a soma de US$ 94,59 bilhões. "Esse valor representa um incremento de 24% ao alcançado em 2010 (de US$ 76,4 bilhões), e quase 30% da quantia total exportada pelo Brasil, de US$ 256 bilhões", enfatiza Luiz Car-

los Corrêa Carvalho, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), um dos parceiros do SustainAGRO. Um dos maiores *players* mundiais, o Brasil lidera o *ranking* nas exportações de diversas cadeias produtivas e, no caso das carnes, atende a mais de 150 países.

Tecnologia no campo

O uso conjunto de modernas técnicas agrícolas nos últimos 35 anos levou o Brasil a mais que triplicar (em média) a produtividade de suas principais culturas, enquanto a área cultivada cresceu apenas 36%. Um relatório conjunto do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Embrapa avalia que, entre 2011 e 2021, a produção de grãos (arroz, feijão, soja, milho e trigo) deve aumentar em 23%, enquanto a área deverá expandir 9,5%.

"Uma agricultura mais técnica e conservacionista contempla práticas como o plantio direto, a integração da agricultura, da pecuária e de florestas (ILPF), a biotecnologia e um conjunto de compromissos ambientais do setor produtivo", enfatiza André Nassar, diretor da Rede Agro, outro integrante do SustainAGRO. Além de ampliar a renda do produtor rural, que diversifica suas atividades por meio da intensificação do uso da terra, a ILPF traz uma série de benefícios ambientais, com efeitos positivos para toda a sociedade.

Entre eles, a diminuição dos riscos de erosão, a recuperação de áreas degradadas, diminuindo a necessidade de abertura de novos espaços, a economia de água e combustíveis, o menor uso de defensivos e a redução das emissões de gases do efeito estufa.

Redução da pobreza

Segundo estudo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), nos países em desenvolvimento, cerca de 75% da população trabalham com agricultura, como revela pesquisa do Fundo Internacional para o Desenvolvimento da Agricultura. Ocorre que, ao contrário do que deveria ser, esses trabalhadores têm um acesso lento às novas tecnologias de plantio.

Essa realidade faz com que, por exemplo, suas lavouras sofram mais com pragas e produzam menos que os donos de grandes plantações, que rapidamente acessam e adotam novas tecnologias.

Ainda de acordo com relatório da FAO, além da questão econômica, o impacto social sobre a vida diária da população rural é enorme. Com menos tecnologia, o trabalho braçal é maior, o que faz toda a diferença em uma realidade em que 43% da mão de obra são formados por mulheres.

Isso evidencia a agricultura como o setor com maior possibilidade de reduzir a pobreza no mundo no século 21. Novas tecnologias têm trazido um crescimento exponencial na produtividade das lavouras em todo o mundo, e isso pode transformar a vida de quem mais precisa delas, os pequenos agricultores. No mundo inteiro, cerca de dois bilhões de pessoas vivem com base no alimento produzido por 500 milhões de pequenos agricultores em países em desenvolvimento.

Aumentar a produtividade dessas terras, utilizando as tecnologias disponíveis no mercado, não apenas reduz o estresse físico e mental dos agricultores na manutenção das lavouras como também gera riqueza, dando a eles a possibilidade de uma vida melhor e mais digna.

O efeito positivo é enorme. Uma pesquisa do Banco Mundial indica que com um aumento de 1% diminui-se a pobreza em 0,48% no sul da Ásia e 0,72% na África Subsaariana. Isto é equivalente a cerca de 1,3 milhão de pessoas saindo da pobreza no sul da Ásia e 2 milhões na África Subsaariana. Os benefícios não vão, porém, apenas para os agricultores. O crescimento no PIB oriundo da agricultura é ao menos duas vezes mais efetivo em reduzir a pobreza que aquele originado em outros setores.

A pecuária também tem um papel importante na redução da pobreza. A FAO aponta que a atividade é responsável global-



SXC

mente por 40% do valor gerado pela produção agropecuária. Nos países em desenvolvimento, ela dá sustento a cerca de 675 milhões de pessoas pobres nas áreas rurais.

Esforço concentrado

Em um momento de insegurança alimentar e com a maior parcela da população dos países em desenvolvimento vivendo em áreas rurais, não é possível ignorar o potencial da agricultura para a oferta de alimentos de maneira eficiente e segura. Minimizar o impacto ambiental dessa produção crescente requer um esforço concentrado em capacitação e compartilhamento de conhecimento, além da criação de redes de apoio de serviços de extensão públicos e privados. Da mesma forma, são fundamentais os investimentos em pesquisa e desenvolvimento e apoio à inovação para fornecer as soluções para o futuro e garantir que a ciência seja a base das normas regulatórias.

Melhorar a produtividade de maneira sustentável demanda empenho para tornar a agricultura tanto ambientalmente correta quanto economicamente dinâmica. Contudo, insistir no falso dilema "preservar ou desenvolver" leva a um grave equívoco: o empenho pouco decidido da sociedade diante do sofrimento daqueles que não têm o que comer – uma, em cada sete pessoas. Para o diretor-executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef), Eduardo Daher, a preocupação com o meio ambiente não deve fechar os ouvidos ao apelo dramático das multidões famintas, ou seja, a agenda ambiental não pode exorbitar num preservacionismo que se coloca acima das necessidades primordiais do ser humano. "A radicalização ambiental leva a uma forma velada de acentuar a exclusão social."

A palavra é: produtividade

Aumento da demanda por alimentos reforça a necessidade de empregar tecnologia e conhecimento para promover a economia verde



THINKSTOCK

Embora a taxa de crescimento populacional venha caindo com melhorias nas condições de vida, já somos sete bilhões de pessoas no mundo e, em 2050, seremos cerca de nove bilhões, de acordo com estimativa da ONU. Entre outros sérios problemas, a amarga realidade de cerca de um bilhão de pessoas malnutridas, das quais mais de dez mil morrem de fome a cada dia, deve ser enfrentada com seriedade e urgência.

Os números não deixam dúvidas quanto à importância estratégica das inovações tecnológicas em todos os segmentos produtivos, especialmente nas cadeias agropecuárias. Nos países de baixa renda, os recursos aplicados em Pesquisa e Desenvolvimento e incorporados na produção constituem os mais efetivos instrumentos de apoio à geração de alimentos. A FAO aponta, ainda, a importância dos investimentos em educação, infraestrutura e crédito para aquisição de insumos.

Recursos para os produtores

O ganho de eficiência, a disponibilidade de alimentos e a sustentabilidade, no sentido mais amplo da palavra, adquirem, portanto, um significado maior para aliviar a fome, reduzir a pobreza e fugir do avanço de fronteiras agrícolas.

Para o desenvolvimento sustentável, é fundamental que os agricultores voltem-se para o centro das decisões políticas. Governos, empresas, cientistas e grupos da sociedade civil devem centrar sua atenção para que vários milhões de famílias de agricultores, principalmente pequenos agricultores, possam produzir mais lavouras de forma eficiente e produtiva.

Adriana Brondani, diretora-executiva do Conselho de Informações sobre Biotecnologia (CIB), afirma que o desenvolvimento agropecuário deve ser avaliado dentro de um quadro amplo, centrado sob o conhecimento. "A aproximação começa com ênfase nos agricultores e produtores de animais e nas ferramentas e informações de que estes precisam para administrar a terra, cultivar, criar e levar o alimento para o mercado. Embora as tecnologias modernas e as abordagens de gestão tenham duplicado a produção das calorias alimentares nos últimos cinquenta anos, muitos pequenos agricultores têm dificuldade em alcançar mesmo o nível mais básico de subsistência", ressalta Adriana.

O gerente-geral do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icone), Rodrigo Lima, avalia que, para o lado social, o desafio é reduzir a pobreza no campo, meta do programa Brasil sem Miséria, que exige acesso a tecnologias, sementes, crédito, à capacitação e extensão rural. "Aumentar a classe C no campo ajudará a produzir mais alimentos e, paralelamente, a erradicar a pobreza, além de ampliar a oferta de empregos e, consequentemente, a qualidade de vida de milhões de pessoas", completa.

Numa perspectiva econômica, a agropecuária brasileira deve expandir a produção de alimentos e de energias renováveis de forma sustentável. "De um lado, culturas como soja, milho, algodão, cana e florestas plantadas exigem escala para serem competitivas; de outro, a especialização das propriedades menores em culturas como frutas, hortaliças, flores, entre outras, trará maior retorno aos produtores", salienta o pesquisador.

Tal abordagem também deve resultar em um sistema de produção e distribuição mais equitativo e eficaz. Em combinação com mercados eficientes e uma infraestrutura local e regional sustentável, um sistema melhorado contribuirá para o desenvolvimento econômico que gere segurança alimentar, trabalho aceitável, preços justos e melhor gestão da terra.

Os caminhos do agro para o desenvolvimento sustentável

*Por Adriana Brondani**

Os diversos debates sobre agricultura e produção de alimentos na Rio+20 foram ricos e muito relevantes na definição dos rumos que a nossa sociedade pretende dar para que tenhamos, efetivamente, uma economia verde que consista em produzir mais com menos, fazer o melhor uso dos recursos naturais e minimizar impactos.

Mais do que isso, as discussões oficiais e em eventos paralelos – assim como o texto final da conferência – escancararam a necessidade urgente de medidas e investimentos para aumentar a produtividade agrícola e, consequentemente, o volume de alimentos produzidos.

Nada disso é possível sem conhecimento científico e sua aplicação no desenvolvimento de tecnologias que possam ser adotadas pelos produtores, de qualquer porte e que pratiquem qualquer tipo de agricultura.

Nesse contexto estão a biotecnologia e a sua aplicação para a produção de alimentos transgênicos. Trata-se de um dos maiores aliados da agricultura para a produção mais eficiente de plantas, ajudando o produtor a vencer obstáculos muito comuns às lavouras, como pragas, doenças e questões climáticas. Com a engenharia genética, também é possível desenvolver cultivos com mais qualidade e maior eficiência, reduzindo as perdas.

A engenharia genética tem permitido o desenvolvimento de diversas plantas resistentes a insetos e tolerantes a herbicidas, resultando em lavouras mais produtivas. Isso reduz a necessidade de aumento da área plantada para produzir alimentos à população. Um excelente exemplo de contribuição da biotecnologia é o feijão geneticamente modificado, desenvolvido pela Embrapa. Com resistência ao vírus do mosaico dourado, praga que pode destruir totalmente as lavouras, o feijão transgênico – já aprovado para comercialização no Brasil – deverá reduzir as perdas na produção desse alimento, que é fonte de ferro e outros nutrientes fundamentais para a nossa saúde.

É preciso observar que as contribuições da biotecnologia não param na agricultura. Com a biotecnologia é possível desenvolver vacinas e identificar doenças que prejudicam os rebanhos, suplementos alimentares e novos medicamentos. É essencial o investimento em tecnologia para que, assim como ocorre na agricultura, novas ferramentas surjam para que o agro brasileiro continue crescendo.



THINKSTOCK

A Rio+20 e a união do setor agropecuário em torno do SustainAGRO permitiram vislumbrar uma realidade clara: a de que precisamos investir fortemente em ciência aplicada ao desenvolvimento da agropecuária; precisamos contemplar todas as formas de agricultura e promover práticas que sejam sustentáveis e responsáveis do ponto de vista socioeconômico e ambiental; e, acima de tudo, não podemos prescindir de nenhuma forma de tecnologia que possa facilitar a vida no campo, aumentar a produtividade e reduzir os impactos ambientais.

Não há espaço nem tempo disponíveis para preconceitos, informações sem embasamento e opiniões polarizadas baseadas em fatos limitados, sobretudo no nosso país, que desempenha um papel preponderante no mercado mundial. Estou certa de que nenhuma mudança acontecerá da noite para o dia, mas segura de que estamos no caminho certo.

*Doutora em Ciências Biológicas e diretora-executiva do Conselho de Informações em Biotecnologia (CIB), parceiro do SustainAGRO

De olho no meio ambiente

Técnicas agrícolas contribuem para reduzir o impacto na biodiversidade; desafio é capacitar o produtor

Eis aí uma questão que está no cerne da economia verde: aliar diferentes tecnologias que permitam conservar o solo, economizar água, proteger os hábitats e a biodiversidade locais ao mesmo tempo em que se garante a segurança alimentar da população mundial, em qualidade e quantidade.

Para atingir tais objetivos, é necessária a adoção global de práticas agrícolas sustentáveis, que incluem o uso de irrigação por gotejamento, plantio direto e sementes geneticamente modificadas, entre outras.

O conhecimento necessário para colocá-las em prática já existe e é utilizado em alguns países. Dados da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação revelam que, no Brasil, por exemplo, o plantio direto levou a uma diminuição de cerca de 90% da erosão do solo e em aproximadamente 80% a perda de água em um período de 17 anos nas culturas de milho e soja. Já de acordo com a consultoria Mendeley, a irrigação por gotejamento levou ao aumento da produção e à diminuição do consumo de água em plantações de tomate e banana na Índia.

Já no que diz respeito à biotecnologia, estima-se que o uso de sementes geneticamente modificadas evitou o uso de 91 milhões de hectares entre 1996 e 2010 (ISAAA, 2011). Os dados sobre impactos ambientais das lavouras transgênicas são extremamente positivos. Em outro estudo, divulgado pela Céleres Ambiental, a adoção da biotecnologia no Brasil contribuiu para a redução de 16,2 bilhões de litros de água entre as safras 1996/97 e 2009/10 – quantidade suficiente para abastecer uma população de 368,8 mil pessoas no período. No que se refere à emissão dos gases do efeito estufa, o estudo apontou que houve redução de 357 mil toneladas de CO_2 – o equivalente a preservar 2,6 milhões de árvores de floresta ripária.

É necessário, no entanto, fazer com que essas tecnologias cheguem facilmente aos agricultores que mais precisam delas. Eles são, em sua maioria, milhões de pequenos produtores rurais espalhados por países em desenvolvimento e que ainda têm pouco acesso a informações que possam facilitar o seu dia a dia. Para tanto, instituições públicas, privadas e os governos devem se unir no sentido de promover a proteção de recursos naturais, além de disseminar o conhecimento atual sobre as mais modernas técnicas agrícolas e construir meios para que a produção chegue até o mercado consumidor. ■



SXC